

# A PINACOTECA DOS IRMÃOS TERCEIROS CARMELITAS DO RECIFE NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO: REVISITANDO A PINTURA DE MANOEL DE CLÁUDIO FRANCISCO DA ENCARNAÇÃO (SÉC. XIX)

## THE PINACOTECA OF THE THIRD CARMEL BROTHERS OF RECIFE IN THE CAPTAINCY OF PERNAMBUCO: REVISITING THE PAINTINGS OF CLÁUDIO FRANCISCO DA ENCARNAÇÃO (CENT. XIX)

André Cabral Honor<sup>1</sup>

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF. CEP: 70910-900  
Email: cabral.historia@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho procura analisar as pinturas de autoria de Cláudio Francisco da Encarnação presentes no teto do corredor de acesso à sacristia da Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Recife, Capitania de Pernambuco. Por meio da intertextualidade, almeja-se identificar a matriz iconográfica das imagens, assim como a hagiografia das personagens representadas, compreendendo as pinturas como representações glorificadas de modelos de conduta para os irmãos terceiros carmelitas.

**Abstract:** This paper aims to analyze the paintings of Cláudio da Encarnação that are in the ceiling of the hall that gives access to the sacristy of the Church of the Third Order of Carmel in Recife, Captaincy of Pernambuco. Using the concept of intertextuality, we aspire to identify the nub of the images, as well as the iconography of its characters, in order to understand the paintings as glorified portrayals of exemplary conduct for the Carmelite of the Third Order.

**Palavras-chave:** iconografia; Pernambuco; ordem terceira carmelita

**Keywords:** iconography; Pernambuco; third order of carmel

---

1 - Doutor em História na Universidade de Évora, UE, Portugal. Professor do departamento de História e da Pós-Graduação em História na Universidade de Brasília (UNB).

Há alguns anos atrás, escrevi um artigo que versava sobre quatro pinturas policromadas em suporte de madeira localizadas nos corredores de acesso à sacristia da Igreja da Ordem Terceira Carmelita do Recife em Pernambuco. Naquele trabalho, busquei estabelecer uma relação entre a instituição do padroado e a fixação de personagens históricas carmelitas que se relacionavam de alguma forma com a ideia de realeza, exaltando, por meio da iconografia, o financiamento do catolicismo nas terras do além-mar promovido pela coroa portuguesa. Por uma série de motivos, o resultado final nunca me pareceu minimamente satisfatório. Ao contrário, todas as considerações sobre iconografia das personagens representadas pareciam-me inconsistentes, fato que me levou a possibilidades de identificação extremamente duvidosas.<sup>1</sup>

Do quarteto formado por Santo Eduardo, Rei da Inglaterra, Santa Ângela, Princesa [sic] da Boêmia, Santa Izabel, Rainha [sic] da Boemia e São Henrique de Grey, apenas a primeira personagem foi encontrada nos manuais de iconografia que silenciavam sobre o restante.<sup>2</sup> Enfraquecendo o aspecto do padroado na minha análise, São Henrique de Grey não é identificado na pintura como pertencente a nenhuma linhagem real. Por muito tempo, confortei-me na ideia de que haveria um erro de identificação das personagens. Porém, o encontro com a iconografia de alguns desses santos na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Évora em Portugal, levaram-me a retomar a pesquisa sobre esses quadros e seus personagens (Fig. 1).<sup>3</sup>

---

1 Quando realizei as primeiras fotos na Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Recife em novembro de 2009, momento em que me deparei com os painéis objetos dessa pesquisa, fui gentilmente atendido e conduzido pelo irmão terceiro Ramos (que no ano seguinte seria brutalmente assassinado em um crime de homofobia). Nessa ocasião, expressei minha perplexidade por nunca ter ouvido falar nesses santos e ele me alertou para o fato de que poderiam não ser santos, mas notáveis terceiros carmelitas reconhecidos pela sua indumentária. À época duvidei silenciosamente de sua colocação, porém, hoje corroboro com essa ideia.

2 Entre os manuais e livros pesquisados à época estavam: LORÉDO, Wanda Martins. *Iconografia religiosa: dicionário prático de identificação*. Rio de Janeiro: Pluri, 2002; MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los santos*. Madrid: Akal, 2009; RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. 6 v. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000-2008.

3 Além dessa santa, havia a representação de Santo Eduardo, Rei da Inglaterra e uma escultura de uma santa feminina sem identificação que acredito tratar-se de Santa Ângela, princesa da Boêmia. São Henrique de Grey não estava representado entre as esculturas da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Évora.



*Fig. 1 – Santa Isabel, Rainha da Boêmia. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Évora, Portugal. Foto: Acervo pessoal. Data: 20 Mar. 2013.*

A fundação da Ordem Terceira Carmelita do Recife<sup>4</sup> remonta ao século XVII. Trata-se de um período de afirmação de uma elite comercial recifense perante a açucarocracia olindense. Essa última, apesar de ainda resguardar o poder político, já não conservava a mesma pujança econômica de outrora. Era nas mãos dos intitulados mascates do Recife que residia o crédito que fazia a economia circular.<sup>5</sup>

Aos 27 dias do mez de setembro de 1695, reunidos alguns devotos no Convento do Carmo da cidade do Recife, foi pelo Ver. Padre Geral D. João Feijó de Villas Lobos instaurada a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, sendo, nessa ocasião, nomeado para commisario da Ordem recém-fundada a um religioso do Convento dos Carmelitas, criação e nomeação estas aprovadas e confirmadas pelo Exmo. Rev. Sr. Arcebispo de Rhodes, núncio de Sua Santidade pelo seu Breve de 20 de Outubro de 1695 que começa: ‘Dilecto nobis in Christo Filio, etc.’<sup>6</sup>

Nesse sentido, a fundação das ordens terceiras insere-se em um contexto de disputa simbiótica por prestígio social. As ordens primeiras buscaram nos mascates

<sup>4</sup> O clero regular pode se dividir em três ordens: ordem primeira, constituída pelos frades que professam voto de castidade; ordem segunda, formada pelas freiras que também fazem voto de castidade e ordem terceira, composta por homens e mulheres leigos que se submetem a um código de conduta no intuito de se dedicar mais à religião.

<sup>5</sup> Sobre a ereção da vila do Recife e o conflito entre a açucarocracia olindense e elite comercial recifense ver: MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos mazombos: nobres contra mascates*, Pernambuco, 1666-1715. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

<sup>6</sup> PIO, Fernando. *Histórico da Igreja de Santa Thereza ou Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da cidade do Recife*. Recife: Jornal do Commercio, 1937, p. 9.

recifenses o apoio para ser projeto missionário, cooptando-os por meio da fundação de irmandades e ordens terceiras que nos primeiros anos de existência funcionaram dentro dos seus respectivos templos. Em contrapartida, os comerciantes do Recife usufruíam da distinção social conferida aos membros das ordens terceiras buscando afirmarem-se, perante a açucarocracia olindense, como a principal elite da Capitania de Pernambuco.

Para que os terceiros pudessem se estabelecer, o Convento Carmelita do Recife doou uma pequena capela que possuía no terreno contíguo à Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo. No final do século XVII iniciaram-se os trabalhos de construção do templo terceiro como é possível ver no index do livro de termos “Termo de ajuste com o Mestre Pedreiro sobre a obra do muro em 7bro de 1699”.<sup>7</sup> Apenas dez anos depois, a primeira versão do templo era consagrada.

Construir um ostensivo templo próprio inseria-se nesse contexto de diferenciação social em que o edifício em si tornava-se símbolo do poder econômico dos irmãos terceiros. O templo barroco pensa o espaço religioso como um grande teatro que serve à exaltação do catolicismo por meio do espetáculo da eucaristia. Mais do que expor a doutrina católica, o decoro<sup>8</sup> do edifício deveria persuadir o fiel a introjetar na sua vida os ensinamentos cristãos.

Essa tarefa missionária, que consiste, por um lado, na defesa dos fiéis diante do constante perigo da heresia e, por outro, na extensão da ecúmena católica aos povos dos continentes até então desconhecidos, se desdobra através da “propaganda”; e a propaganda não demonstra, mas persuade—e persuade à devoção.<sup>9</sup>

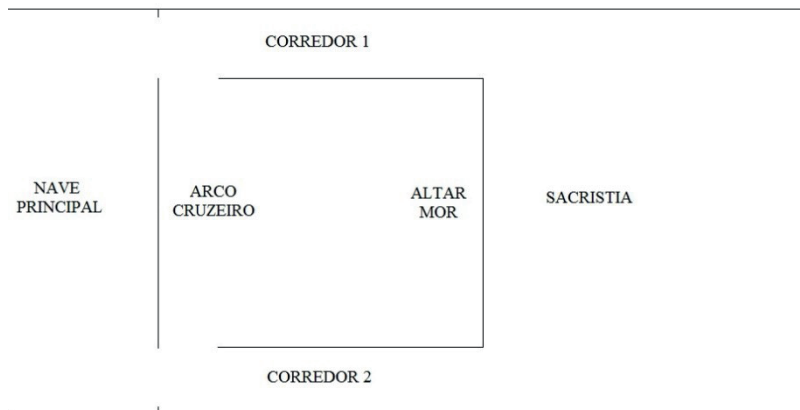
A Igreja da Ordem Terceira do Recife incorpora todos esses elementos necessários para transformar o edifício em uma apoteose do catolicismo utilizando como veículo condutor a cultura histórica carmelita representada pela personagem que o templo consagra: Santa Teresa D’Ávila, também conhecida como Santa Teresa de Jesus.<sup>10</sup>

7 Index do Livro primeiro de termos: fl. 1 a fl. 170, feito no anno de 1843 a 1846. f. 1. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo do Recife.

8 “Apesar das diversas compreensões de que foi objeto na História, o decoro conservou sempre a responsabilidade por orientar o artista na procura do que é adequado e conveniente, tanto em relação aos aspectos internos e implícitos à obra (matéria, gênero, estilo, proporções, ordem e disposição apropriada de elementos e partes, ornamentos elocução característica, ética e patética, proporção de comodidades e efeitos adequados), quanto também em relação aos aspectos externos e circunstâncias a ela, a recepção que a obra deveria ter pelos destinatários.” BASTOS, Rodrigo. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica (1711-1822)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013, p. 32.

9 ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, p. 59.

10 A Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Santa Teresa de Jesus do Recife possui 47 painéis com passagens hagiográficas da Santa de Ávila distribuídos em caixotões no teto e emoldurados nas paredes do templo pintados no século XVIII por João de Deus e Sepúlveda.



**Planta 1** – Planta baixa simplificada da área do altar-mor, corredores e sacristia. (Autor: André Cabral Honor. Sem escala.)

Os corredores 1 e 2 foram adornados com painéis de azulejaria portuguesa setecentista ao estilo Rococó que retratam passagens da vida de Santa Teresa de Jesus, em uma tentativa de incluir esse ambiente dentro do decoro necessário. Talvez os azulejos constituíssem apenas mais um elemento de ostentação para os irmãos terceiros, e, como não havia espaço para pô-los dentro da nave principal escolheu-se os corredores laterais que poderiam ser parcialmente visualizados da nave caso as portas de acesso estivessem abertas apesar de não proporcionar uma fruição figurativa.

[...] o azulejo desempenhou um papel tão complexo, na transformação do caráter fechado dos espaços arquitetônicos portugueses. A desmaterialização das superfícies e a remontagem geométrica do espaço foram operadas pelas linhas oblíquas, preponderantes nos revestimentos abstractos. Nas composições figurativas, este efeito foi conseguido pelo aumento do campo visual dos paramentos, através da introdução da perspectiva e da construção tridimensional do espaço.<sup>11</sup>

Todavia, ao invés de abrirem o ambiente às novas dimensões, o conjunto de azulejos termina por comprimir ainda mais o recinto. Com menos de dois metros de largura, os corredores não oferecem amplitude suficiente para que o espectador possa acomodar seu campo de visão à obra completa agravando-se pelo fato de que não há aberturas que a luz natural possa entrar. Dessa maneira, o local inadequado faz com que essas imagens tenham o efeito oposto do esperado.

O discurso demonstrativo instituído pela arte barroca em todas as suas representações articula-se em função de uma necessidade de persuadir. Nesta persuasão não conta um apurado sentido técnico e não existe uma postura a priori que o discurso retórico queira demonstrar. Todo o discurso deve-se aplicar a qualquer sujeito e o que passa a ser importante é nada mais que a acção de persuadir quem quer que seja.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Bertrand, 1985, p. 6.

<sup>12</sup> MELLO, Magno Moraes. *A pintura de tectos em perspectiva no Portugal de D. João V*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 100.

O espaço inadequado impede o usufruto do ambiente como local persuasivo. Ao perder-se a visão do todo, desintegra-se qualquer intencionalidade ilusória intrínseca à persuasão barroca. Como já foi mencionado, talvez, a fixação desse conjunto de azulejos em um local inadequado à sua fruição já demonstre um esmaecimento da concepção da igreja barroco-persuasiva ficando apenas o caráter ostentativo da obra. É no teto desses corredores que se encontram as pinturas que são objeto de análise desse estudo.

Os painéis foram confeccionados pelo pintor e dourador Manoel Cláudio Francisco da Encarnação que era também responsável pelos painéis da sacristia e do forro e paredes do coro da nave principal.

De 1836 a 1837, pintou e dourou o forro e os painéis da sacristia e dos corredores, limpou o dourado e pintou o altar de Nossa Senhora da Soledade e dois painéis novos de Santa Tereza e São José para a sacristia, assim como dourou e pintou o arco da entrada do consistório.<sup>13</sup>

O sobrenome Encarnação, que pode ser uma alcunha atribuída a Manoel, pode indicar que o mesmo era conhecido por saber dar cores e aspectos humanos às imagens. No caso dos quadros pintados no corredor da sacristia há uma rigidez na iconografia da pintura, as personagens são estáticas, com nenhuma movimentação, pouca profundidade e inventividade na paisagem que as rodeiam. A série de pinturas feitas por Manoel da Encarnação que contemplam o coro, a sacristia e os painéis do corredor são bustos e retratos de personagens carmelitas que se encontram devidamente identificados com legendas. A presença nominativa das invocações corrobora com a ideia do fim da concepção de arte barroca que entendia as imagens como uma escrita dos iletrados. Por esse motivo os atributos,<sup>14</sup> signos largamente usados pelo Barroco para reconhecer os santos sem que fosse necessário recorrer à uma legenda escrita, são dispensados pelo pintor na construção da iconografia.<sup>15</sup>

Alocados em espaços de circulação restrita, as quatro pinturas formam um acervo particular para os membros da Ordem Terceira Carmelita do Recife, um memorial daquelas personagens que contribuíram de alguma forma para a formação e expansão da Ordem de Nossa Senhora do Carmo.

Na tentativa de compreender melhor essas iconografias, adotei como aporte teórico a noção de intertextualidade da obra de arte. Nesse sentido, as pinturas investigadas são compreendidas como um conjunto de intertextos de textos e objetos já concebidos anteriormente.

---

13 ACIOLI, Vera Lúcia. A identidade da beleza: dicionário de artistas e artífices do século XVI ao XIX em Pernambuco. Recife: Massangana, 2008, p. 350.

14 “Un atributo, en cambio, es tal como lo indica la etimología (attributum de ad-tribuere), un signo de reconocimiento añadido al personaje”. RÉAU, Louis. Iconografía del arte cristiano: Introducción general. 2 ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008, p. 495.

15 Esse processo de ornamentação da Igreja adentrou o século XIX com a elaboração de painéis santos no teto da sacristia e no referido corredor de acesso. Posteriormente, já no século XX, foram incorporadas na sacristia imagens de vestir dispostas em nichos que formam um memorial hagiográfico escultórico das passagens mais conhecidas da hagiografia de Santa Teresa de Jesus.

O objetivo da investigação é o de verificar: a) a existência de modos específicos de manifestação pictórica da intertextualidade; b) se e como a intertextualidade da pintura não é simplesmente uma rede de <<fontes>> mais ou menos explicitamente evocadas pelo texto, mas que também pode constituir, por meio de operações oportunas, um princípio de arquitetura do texto.<sup>16</sup>

Ao buscar a intertextualidade dos painéis da Igreja Terceira Carmelita do Recife, “suas relações com outras obras, as aproximações a outros textos do mesmo artista ou da mesma escola, os empréstimos de escolas diferentes, as ligações à história evêntica e não-evêntica, às outras artes e às ciências”<sup>17</sup>, espera-se poder compreender melhor quem são essas personagens representadas e o papel que sua iconografia exerce no templo.

A importância dos estudos comparativos entre gravuras e pinturas deve ser aliada a uma análise mais ampla que conecte as imagens às crônicas e livros hagiográficos que compõe a cultura histórica de determinada ordem religiosa. Dessa forma, é possível chegar ao cerne central da pintura, compreendendo as matrizes de suas representações iconográficas.

Todas as pessoas retratadas encontram-se diretamente relacionadas com a Ordem Terceira Carmelita. Os quatro personagens estão elencados como irmãos terceiros no manual *Thesouro Carmelitano manifesto, e oferecido aos Irmãos, e Irmans da Veneravel Ordem Terceira da Rainha dos anjos, mãe de Deos, Senhora do Carmo, pelo padre apresentado Fr. José de Jesus Maria, Comissario da Mesma Terceira Ordem do Convento do Carmo de Lisboa* de autoria de Frei José de Jesus Maria, publicado pela primeira vez em 1705 na oficina de Miguel Manascal.

Nascido em Lisboa em 1660, o autor recebeu o hábito da Ordem Calçada de Nossa do Carmo em dezembro de 1679. No ano seguinte, partiu para a cidade de Goiana onde se professou membro daquele convento e seguidor da Constituição da Estrita Observância.<sup>18</sup> Passou mais de vinte anos missionando em aldeamentos pela América portuguesa, com especial atenção para as reduções no Rio São Francisco, somente retornando a Portugal em 1691.

Voltou para este reyno e o M. Reverendo Padre Provincial, que era então da Província, o mandou ser commissario da veneral Ordem Terceyra de Villa Franca: o bem que exercitou essa occupação habilitou para que a do Convento de Lisboa o pedisse para seu commissario, que o exercita ha vinte e quatro annos, [...].<sup>19</sup>

16 CALABRESE, Omar. Como se lê uma obra de arte. Trad. António Maia Rocha. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 39.

17 CALABRESE, Omar., Op. cit., p. 41.

18 No século XVIII, os conventos da Ordem Calçada Carmelita podiam escolher seguir duas constituições diferentes: a da Estrita Observância, oriunda da Reforma Turônica, ou a Antiga Observância, oriunda da regra mitigada do Carmelo.

19 SÁ, Manoel de. Memórias históricas dos illustrissimos arcebispos, bispos, e escritores portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, reduzidas a catalogo alfabetico. Lisboa Oriental: Oficina Ferreyriana, 1724, p. 260.

Além do já esperado aspecto laudatório do texto, o *Thesouro Carmelitano* tem a clara preocupação de aproximar os irmãos terceiros e primeiros mostrando que ambos fazem parte da mesma congregação, compartilhando as graças que Nossa Senhora do Carmo lhes concede como a salvação da danação eterna e o abatimento da expiação dos pecados no purgatório por meio do escapulário.<sup>20</sup>

No *Thesouro Carmelitano*, Frei José de Jesus Maria faz questão de ressaltar que a santidade, exemplo de conduta perfeita dentro do catolicismo, também é alcançada pelos membros da Ordem Terceira Carmelita. Aliás, para o autor, os terceiros eram tão antigos quanto os primeiros.<sup>21</sup>

Seria um processo quasi infinito, e hum discurso demaziadamente dilatado querermos reduzir a numero os Santos, que florescerão na nossa Religião, a que podemos, e devemos dar o título de Terceiros dellas. Porque se olharmos para os trez estados, que tem, a saber, Profetico, Monacal e Mendicante: durando o estado Profetico novecentos e sincoenta e nove annos; o estado Monacal mil e cento e oitenta e quatro; e o estado Mendicante quatrocentos e oitenta e sete, e finalmente havendo Religião do Carmo nos estados, que digo, ha dous mil seiscentos e trinta annos; e havendo nella tambem pelo seu modo Terceiros, como fica dito no terceiro Capitulo deste livro, e isto em todos os trez estados, em que fallamos, bem se insere que entre elles se acharão muitos santos.<sup>22</sup>

A partir de então, o irmão carmelita começa a descrever a virtude e as ações de alguns santos apenas para embasar o seu argumento da antiguidade dos terceiros. Inclui personagens que agiram em vida como irmãos, porém não faziam parte da Ordem Terceira, pois essa ainda não existia *oficialmente*. Como o próprio autor explicita na parte já transcrita, atribui-se a essas personagens o título de terceiros.

Após elencar os personagens dos tempos proféticos, Frei José de Jesus Maria coloca que são inúmeros os santos e santas ditos monacais e mendicantes. Devido a esse extenso número, o frade opta por citar nominalmente apenas aqueles que considera mais importantes, classificando-os em três tipos: mártires, confessores e virgens.

Classe dos Martyres

**Santo Eduardo, Rei da Inglaterra.**

Santa Efigenia.

---

20 O autor expõe que o escapulário diminui o tempo de pena no purgatório, além de esclarecer que aqueles que o portam não chegam ao inferno, desde que tenham cumprido os deveres exigidos de quem usa o escapulário.

21 Lembrando que até o século XX, a cultura histórica carmelita atribuía ao Profeta Elias a fundação da ordem. Essa afirmação não apenas tornava os carmelitas em pioneiros do clero regular, mas também lhes tornavam “filho” de um dos personagens mais importantes do Antigo Testamento, pois Santo Elias é considerado uma prefiguração de Cristo.

22 MARIA, José de Jesus. *Thesouro Carmelitano*, manifesto, e offerecido aos irmãos, e irmans da veneravel Ordem Terceira da Rainha dos Anjos, Mãe de Deos, Senhora do Carmo pelo padre apresentado Fr. José de Jesus Maria, Comissario da Mesma Terceira Ordem do Convento do Carmo de Lisboa. Lisboa: Officina de Miguel Menescal da Costa Impress. do S. Officio, 1750, p. 177-178.



Santa Silvania.  
Santa Flavia Domitilla.  
Santa Thecla.  
Santa Basilia.  
*S. Proto.*  
*S. Jacyntho.*  
*Santa Leocadia.*  
*Santa Eugenia.*

Classe dos Confessores  
Santo Espiridião Bispo.  
S. João Vesco.  
*S. Amador.*

**Santo Henrique de Grey.**

S. Luiz Rei de França. [...]

[No trecho omitido, o autor se estende um pouco na hagiografia desse santo]

Classe das Virgens, e Penitentes

Santa Angela de Arena.

**Santa Isabel, Rainha da Bohemia.**

Santa Maria Egypciaca

Santa Veronica.

*Santa Arcangela de Frino.*

Santa Pètronilla.

Santa Melania.

**Santa Angela Princeza da Bohemia.**

Santa Joanna de Regio.

Santa Cyrilla.

Santa Alexandra.

Santa Marinha

*Santa Theodora*

Santa Pelagia.

A Beata Francisca de Ambroize.<sup>23</sup>

Constantemente republicado – a edição usada nesse trabalho é de 1750 – torna-se bastante claro que a Ordem Terceira Carmelita do Recife possuía um exemplar do *Thesouro Carmelitano* que deve ter sido consultado para definir quais santos

---

<sup>23</sup> MARIA, José de Jesus. Op. cit., p. 179-182. Em itálico estão destacados os santos que aparecem no estatuário do templo ao longo da nave principal, enquanto que em negrito encontram-se os presentes nos painéis do corredor de acesso à sacristia.

figurariam na iconografia dos quatro santos pintados por Manoel Cláudio Francisco da Encarnação. Essa escolha torna mais factível a ideia de que os encomendantes das pinturas tinham a intenção de transformar a sacristia em uma pinacoteca que enaltecesse a Ordem Terceira, homenageando irmãos e irmãs terceiras carmelitas que se tornaram santos para a Igreja Católica, em detrimento de outras personagens também canonizadas pertencentes à Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo, mas sem maiores vínculos com os terceiros.

Todavia, a inspiração para a representação iconográfica não residiu apenas na imaginação do pintor, mas também se confiou nas próprias representações que já existiam na Igreja. Resguardando em seus nichos passagens da paixão de Cristo, como é comum nos templos terceiros carmelitas, os altares laterais também apresentam esculturas barrocas de santos e santas carmelitas que portam o escapulário da Ordem Primeira e a capa branca característica da Ordem Terceira. Todas as personagens esculpidas em madeira presentes na nave principal da Igreja da Ordem Terceira do Recife – São Proto, São Jacinto, Santa Leocádia, Santa Eugenia, São Amador, Santa Arcangela de Frino e Santa Teodora – encontram-se elencadas no *Thesouro Carmelitano*.<sup>24</sup> Apesar de não ter sido encontrada documentação que afirme quando as esculturas foram adquiridas pelos terceiros, quando se observa o estilo escultórico dessas imagens, não há dúvidas que se tratam de peças do século XVIII. Foi a partir dessas estátuas que Manoel Cláudio Francisco da Encarnação compôs parte da iconografia dos santos representados nos painéis ora analisados, interpretação que se embasa no estudo comparativo entre as iconografias presentes nos dois suportes.



Fig. 2 – Santa Isabel, Rainha da Boêmia. Escultura e pintura. Igreja da Ordem Terceira Carmelita do Recife, Pernambuco, Brasil. Foto: Acervo pessoal. Data: 13 Jan. 2012.

<sup>24</sup> Existe mais uma imagem de um santo não identificado devido ao esmaecimento da legenda, todavia, é factível supor que também estivesse elencado na listagem feita por Frei José de Jesus Maria.

A Rainha da Boemia encontra-se com o mesmo gestual nos dois suportes iconográficos: com os olhos voltados para cima, põe a mão esquerda sobre o peito enquanto estende a mão direita aberta para o chão.<sup>25</sup> A diferença primordial encontra-se na vestimenta da personagem. Na imagem pintada por Cláudio Francisco da Encarnação o escapulário desaparece assim como os ornatos dourados. A roupa é preta e branca, de aspecto estático, com ausência de volumetria. Já no estatuário, em contraposição ao que ocorre na pintura, a roupa é a peça-chave que proporciona movimento à estátua. A capa branca é jogada para trás, enquanto o joelho proeminente na túnica preta, que chega a torcer levemente a borda do escapulário, procura proporcionar a ilusão de que a santa se movimentava para frente no momento de sua representação, corroborando com a ideia de teatralidade da arte barroca.

O ambiente barroco desenvolvia-se, dessa forma, como uma grande encenação dramática, onde todos eram expectadores de uma experiência inebriante, inusitada, monumental. Por isso, parte da arquitetura e do espaço urbano concebidos no século XVII e no XVIII apresentavam-se como um teatro, onde o povo assistia comovido o enredo e a encenação.<sup>26</sup>

Os adornos do manto com pequenas volutas se unem a elementos florais, dentre os quais se destaca um caju dourado. Esse mesmo elemento da vegetação local se repete na estátua de Santo Amador (Fig. 3).



Fig. 3 – Santo Amador. Igreja da Ordem Terceira Carmelita do Recife, Pernambuco, Brasil. Foto: Acervo pessoal. Data: 13 Jan. 2012.

<sup>25</sup> O gestual é quase o mesmo da imagem da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Évora, com uma leve diferença na altura da mão direita, o que pode indicar também que o estatuário foi inspirado em alguma gravura.

<sup>26</sup> BAETA, Rodrigo Espinha. Teoria do Barroco. Salvador: EDUFBA, p. 196.

Não há dúvidas que a pintura dourada faz parte da primeira versão da peça. Algumas dessas estátuas, Santa Archangela, São Proto M., Santo Henrique de Grey, Santa Theodora e Santa Eugênia e também Santo Amador, sofreram uma repintura de data desconhecida. Alguma restauração posterior, também de datação indefinida, abriu janelas que identificam os padrões dourados com volutas e florais presentes nas demais estátuas. Essa técnica de prospecção é bem evidente no escapulário da imagem de Santo Amador (Fig. 3). Juntando esse dado, com o próprio caráter formal das imagens douradas, é possível afirmar que esses elementos compõem a pintura original da peça.

Essa mesma análise comparativa se aplica aos demais quadros de Manoel da Encarnação: o gestual das personagens permanece quase o mesmo, mudando a composição pictórica da roupa e o elemento do escapulário.

Santa Ângela, princesa da Boêmia, aparece nas duas representações olhando para os céus com as mãos postas em momento de oração (Fig. 4).



**Fig. 4** – Santa Ângela, Princesa da Boêmia. Escultura e pintura. Igreja da Ordem Terceira Carmelita do Recife, Pernambuco, Brasil. Foto: Acervo pessoal. Data: 13 Jan. 2012.

A iconografia de Santo Eduardo, Rei da Inglaterra, segue a mesma linha (Fig. 5). A cruz, que aparece em ambas as representações, deveria servir de atributo à personagem, porém, em nenhum dos manuais de iconografia consultados a imagem de Santo Eduardo é associada à uma cruz.

Está representado con una larga barba, en traje real, con la corona en la cabeza y el cetro en la mano. A veces cura a un leproso o carga a un enfermo sobre los hombros.

Su atributo es el anillo que un peregrino le habría traído de Palestina de parte del evangelista san Juan.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano: Iconografía de los santos (De la A a la F)*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000, p. 417.



**Fig. 5** – Santo Eduardo, rei da Inglaterra. Pintura e escultura. Igreja da Ordem Terceira Carmelita do Recife, Pernambuco, Brasil. Foto: Acervo pessoal. Data: 13 Jan. 2012.

A personagem que resguarda as maiores diferenças é Santo Henrique de Grei. Apesar dos pés estarem na mesma posição, há uma grande diferença nos gestos das mãos. Enquanto na pintura a mão direita encontra-se com a palma levantada, na escultura ele apenas estende-a para frente. Já a mão esquerda da personagem do quadro segura uma *vanitas*, enquanto na escultura Santo Henrique parece levantar o braço. É possível que houvesse uma caveira nessa mão que pode ter sido quebrada em algum momento.<sup>28</sup> Infelizmente, é comum que pedaços do estatuário desapareçam, principalmente os móveis, devido à falta de cuidados e segurança.



**Fig. 6** – Santo Henrique de Grei. Pintura e escultura. Igreja da Ordem Terceira Carmelita do Recife, Pernambuco, Brasil. Fotos: Acervo pessoal. Data: 13 Jan. 2012.

<sup>28</sup> Relembrando que a estátua sofreu alguma espécie de restauração que cobriu o douramento da peça. É uma hipótese factível que essa intervenção possa ter feito os dedos que teriam quebrado com a *vanitas*.

Se as imagens já se encontravam no templo por meio das esculturas, não seria possível supor que tantos os terceiros como os pintores tomaram como base apenas esse estatuário? A resposta é não. Sem dúvida as imagens dispostas ao longo da nave principal serviram de modelos iconográficos para a elaboração das pinturas do teto do corredor da sacristia, porém há algumas diferenças nas legendas que identificam as esculturas e os quadros, deixando claro que as identificações nas imagens elaboradas por Manoel Cláudio Francisco da Encarnação foram retiradas do *Thesouro Carmelitano*.

Nas esculturas, as legendas aparecem como S. Izabel V., S. Eduardo M. e S. Henrique. A imagem que corresponde a Santa Ângela, encontra-se quase completamente esmaecida, porém é possível ler as letras “S.” e “A”. Unindo esses vestígios à comparação iconográfica, é possível afirmar que a escultura disposta na nave principal é a princesa da Boêmia. Já nas pinturas, optou-se por se manter fiel à nomenclatura do *Thesouro Carmelitano*, copiando fielmente a grafia dos nomes dos santos, apenas mudando o “y” por “i” da palavra “Grei”.

Trazer à tona a hagiografia desses santos é um desafio à parte. Estabelecido que as personagens encontram-se devidamente identificadas em acordo com um dos mais famosos e importantes manuais da Ordem Terceira Carmelita e que, portanto, não há erro em suas identificações nos painéis, é momento de tentar elucidar suas devidas hagiografias. Não se trata de tarefa fácil, alguns deles não possuíram tanta significância dentro da cultura histórica carmelita. A maioria não consta no calendário de festas da Ordem além de terem sido obliterados nas crônicas hagiográficas carmelitanas em português. A ordem de exposição hagiográfica seguirá a dificuldade crescente de localização de dados sobre a vida da personagem biografada.

Sem dúvida alguma, de todas as quatro personagens, a mais facilmente localizável é Santa Ângela, princesa da Boêmia. Sua hagiografia pode ser encontrada em crônicas escritas em português, espanhol e latim.<sup>29</sup> Apesar de ser extremamente difundida, trata-se de uma figura de difícil comprovação histórica, muito provavelmente lendária, que remete ao princípio da Ordem de Nossa Senhora do Carmo no século XII.

A crônica hagiográfica *Jardim Carmelitano*<sup>30</sup> relata que Ângela nasceu no ano de 1132 na cidade de Praga, antiga capital do reino da Boêmia. Filha do monarca Raimundo<sup>31</sup> – o nome da mãe não é revelado nas crônicas – a criança desde cedo

---

29 Respectivamente: LEOINDELICATO, Egídio. *Jardim carmelitano historia chronologica, e geografica*. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1741, p. 404; TERESA, Joseph de Santa. *Flores del Carmelo, vida de los santos de nuestra señora del Carmen que reza su religión, assi en comun, como en particulares conventos*. Madrid: Antonio Gonçalvez de Reyes, 1678, p. 294; MARIA, Daniel da Virgem. *Vinea Carmeli seu historia eliani ordini fratrum B. V. Mariae de Monte Carmelo contracta in varris opusculis*. Antuérpia: Typis Iacobis Meursii, 1662, p. 552.

30 A narrativa dessa crônica segue uma ordem cronológica dos eventos, com pequenas, mas bem colocadas digressões, geralmente relacionadas aos locais por onde o personagem biografado passava, procurando sempre fornecer ao leitor informações geográficas sobre as localidades citadas.

31 O próprio autor reclama de que o monarca pai da santa não se encontra nas costumeiras listagens dos reis da Boêmia, “porque filha del Rey de Bohemia Raymundo, que suposto este se não ache na série dos Reys daquelle tempo, convém os Escritores em que esta equivoção houve no nome, por usarem de dous nomes muitas vezes aquelles Reys, pois nenhum duvida fora filha daquelle Regia Coroa, [...]” LEOINDELICATO, Egídio. Op. cit., p. 405.

mostrou propensão para a vida religiosa, porém o pai lhe prometera a um príncipe da Hungria. Orientada por um anjo, a jovem Ângela decide fugir da casa paterna. Vestida como um homem, ela inicia uma jornada cujo destino final seria o mosteiro da Beatíssima Virgem Maria do Monte Carmo em Jerusalém. Durante sua viagem, quando passava pela cidade de Constantinopla, Ângela teve seu primeiro encontro com Cristo no templo de Santa Sofia, “e tendo con ella dulcissimos colloquios, lhe deu um Breviario de Monjas Carmelitas, para que aprendesse a rezar, porque havia ser una de seu coro”<sup>32</sup>. Na cidade de Tyro, apresentou-se ao então geral da Ordem, São Brocardo, para depois dirigir-se a Jerusalém. Chegando ao convento, retirou as roupas masculinas e pediu entrada na vida religiosa. Possuía apenas dezoito anos de idade quando foi aceita na Ordem de Nossa Senhora do Carmo.

No ano de 1218, tornou-se priora do convento onde realizou milagres. Tempos depois teve uma visão de Nossa Senhora do Carmo ordenando-a que voltasse a sua terra, pois Jerusalém seria invadida pelos mouros e não era desejo de Cristo que ela viesse a padecer nessa invasão. Retornou à Boêmia onde fundou nas proximidades de Praga um pequeno convento, do qual não existem mais vestígios porque, segundo Frei Egidio, foi destruído pelos hereges em 1410. Morreria em 1253, dois anos após receber o escapulário pelas mãos do próprio São Simão Stock.<sup>33</sup>

Apesar de ter sido representada como terceira carmelita – em concordância do que é dito por Frei José de Jesus Maria – as crônicas hagiográficas expressam claramente que Santa Ângela fez parte da Ordem Segunda de Nossa Senhora do Carmo, além de ter sido fundadora do primeiro convento de monjas carmelitas na sua terra natal, a Boêmia.

A segunda personagem, também de fácil identificação, é Santo Eduardo, Rei da Inglaterra. Trata-se de uma figura não muito comum nas igrejas carmelitas, não aparecendo nas crônicas da Ordem. Todavia, é relativamente fácil encontrá-lo nos manuais de iconografia.

Santo Eduardo nasceu em 1003 na Inglaterra, ascendeu ao trono da Inglaterra em 1046 e faleceu em Londres em 1066. Ficou famoso por ter reinado em um período de relativa paz e pelo seu caráter caridoso. Essa última característica explica o seu atributo mais difundido, um anel.

Para poner a prueba la caridad de Eduardo, san Juan Evangelista se disfrazó de mendigo y abordó al rey. Éste, puesto que no podía darle una limosna porque tenía la bolsa vacía, le entregó su anillo de oro.

Siete años después, un peregrino inglés, durante el transcurso de una peregrinación en Palestina, vio aparecer a San Juan quien le entregó el

---

<sup>32</sup> Ibidem., p. 406.

<sup>33</sup> De acordo com a cultura histórica carmelita, o frade inglês São Simão Stock foi o primeiro a obter o escapulário carmelita através das mãos da própria Nossa Senhora do Carmo.

anillo para que lo devolviese a su soberano, anunciándole que su muerte estaba próxima y que no demoraría en entrar en el reino de los elegidos.<sup>34</sup>

Ademais, apesar de ter se casado, manteve-se casto durante toda sua vida, não deixando herdeiros do trono.

Yielding to the entreaty of his nobles, he accepted as his consort the virtuous Editha, Earl Godwin's daughter. Having, however, made a vow of chastity, he first required her agreement to live with him only as a sister.<sup>35</sup>

Seus restos mortais estão depositados na Abadia de Westminder da qual foi fundador, sendo canonizado pelo papa Alexandre III no ano de 1161. Sua devoção ao catolicismo fez com que Frei José o incluísse no elenco de terceiros carmelitas.

As próximas duas personagens são um desafio. Não se encontram em manuais de iconografia, nem em nenhuma das crônicas localizadas escritas em português, espanhol, francês ou italiano. Entre a bibliografia consultada, além do *Thesouro Carmelitano*, foi possível localizar um manual dos terceiros em espanhol que cita São Henrique de Grey e Santa Isabel, rainha da Boêmia. Trata-se do *Instructorio espiritual de los terceros, terceras, y beatas de nuestra señora del Carmen* escrito por Frei Manuel de Santa Teresa, autorizado para ser publicado pela primeira vez em 1741.<sup>36</sup>

Para complicar ainda mais a busca, houve duas personagens históricas homônimas às pesquisadas: a rainha católica Isabel da Boêmia (1292-1330) e o protestante Henrique de Grey da Inglaterra (1517-1554). Inexistem registros de qualquer espécie sobre processos de veneração dessa rainha, pois não se tratava de uma devota especial para a Igreja, e creio ser desnecessário ir mais a fundo na biografia do segundo personagem. Somente a título de curiosidade, esse Henrique da Inglaterra foi um dos mais fervorosos opositores do catolicismo em seu país.

Se havia alguma forma de desvendar com absoluta certeza essas identidades, a mais provável é que se encontrasse em um dos dois manuais terceiros.

Frei José de Jesus Maria pode não ter adentrado a hagiografia dessas personagens, mas indicou as fontes bibliográficas donde retirou os nomes da listagem de santos já transcritas nesse artigo.

Deixemos porem estes santos, a quem podemos dar o título de terceiros da nossa Ordem; que nos dous de monacal, e mendicantes temos santos em grande numero, como podem ver os curiosos nos Annaes do Padre

34 RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano: Iconografía de los santos*. De la A a la F. 2 ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, p. 416.

35 PHILLIPS, George. *St. Edward the Confessor*. New York: Robert Appleton Company, 1909, s.p. Captado em: <<http://www.newadvent.org/cathen/05322a.htm>>. Acesso em: 9 Jul. 2015.

36 Não foi encontrada a primeira edição do livro, apenas uma cópia digital da reimpressão de 1816.



Mestre Lenzana, na Vinea Carmeli do Padre Fr. Daniel da Virgem Maria, nas Chronicas da Ordem, e Manual de Terceiros do Carmo do Padre Mestre Frei Diogo de Coria, e em outros muitos Authores não só da nossa, mas de outras Sagradas Religiões; [...].<sup>37</sup>

A obra do Padre Mestre Lenzana intitulada *Annales sacri prophetic, et eliani ordinis beat virginis Mariae de monti Carmeli*<sup>38</sup> é dividida em quatro tomos; *Vinea Carmeli seu historia eliani ordini fratrum B. V. Mariae de Monte Carmelo contracta in varris opusculis*<sup>39</sup> de Frei Daniel da Virgem Maria encontra-se dividida em dois tomos e, por fim, *Manual de las beatas y hermanos terceros, de la horden de la siempre Virgen, y Madre de Dios, Sancta Maria del monte Carmelo*<sup>40</sup> de autoria do Padre Mestre Frei Diogo de Coria Maldonado possui apenas um volume. A busca por esses dois santos nessas obras foi completamente infrutífera. Frei José de Jesus Maria omitiu em seu levantamento bibliográfico as fontes onde consultou as hagiografias de Santa Isabel, Rainha da Boêmia e São Henrique de Grei.

O mesmo processo metodológico de buscar nas referências do autor citado no texto foi usado na análise do Instructorio.

En el testamento nuevo de la misma orden han sido, como refiere en su manual nustro Coria trat. 4 cap. 6, Santa Isabel, reyna de Bohemia, San Juan Vesco, y San Henrique de Grey nobilissimos ingleses, y señores de grande estados, S. Eduardo, Rey de Inglaterra [...].<sup>41</sup>

Apesar de Frei Manuel ser bastante específico do lugar onde se encontra a informação no manual de Frei Diogo de Coria Maldonado a busca mostrou-se infrutífera. Ou a referência está equivocada ou trata-se de outro manual escrito pelo mesmo carmelita do qual não há nenhum indício.<sup>42</sup>

Diante dessa lacuna de informações, recorri à monumental coleção hagiográfica intitulada *Actas Sanctorum*. Sua origem remonta ao jesuíta Héribert Rosweyde que pretendia elaborar uma obra que abarcasse a vida dos santos com direito à crítica documental e comentários, entretanto, sua empreitada foi considerada por seus contemporâneos como sendo extremamente dispendiosa. Apesar de não ter

---

37 MARIA, José de Jesus. Op. cit., p. 178-179.

38 Anais Sacros e proféticos da Ordem Eliana da santíssima virgem Maria do Monte Carmelo.

39 Vinha Carmelita ou narrativa dos irmãos da Ordem Eliana da santíssima virgem Maria do Monte Carmelo retirado de diversas obras.

40 Manual das beatas e irmãos terceiros da ordem da sempre virgem e mãe de Deus, Santa Maria do Monte Carmelo.

41 TERESA, Manuel de Santa. Instructorio espiritual de los terceros, terceras, y beatas de nuestra señora del Carmen. Ciudad de Mexico: imprenta de la calle de San Domingo y esquina de Tacuba, 1816, p. 33-34.

42 Frei Diego de Coria Maldonado nasceu em Servilha em data desconhecida e veio a falecer na mesma cidade em 1603. Constantemente referenciado por cronistas posteriores, escreveu uma vasta obra cuja maioria dos volumes perderam-se ao longo do tempo, muitos dos quais não sabemos nem o título. Até o momento da escrita desse artigo apenas dois livros haviam sido localizados: o já referido Manual e o Dilucidario y demonstracion de las chronicas y antigüedad del sacro orden de la siempre virgen madre de dios sancta maria del Monte Carmelo de 1598.

concretizado essa façanha em vida, o jesuíta pode ser considerado o semeador da semente da *Actas*.

Dessa forma ele abre caminho para a obra monumental dos Bollandistas, os *Acta Sanctorum*. Após a sua morte, em 1629, os jesuítas encarregam Jean Bolland (1596-1665) de continuar o empreendimento de Rosweyde. Bolland exigiu a biblioteca de seu predecessor e a liberdade de seguir suas próprias idéias. Vendo a imensidão da tarefa pede um colaborador, e um de seus antigos alunos, Godefroid Henschenius (+1680), é escolhido. As vidas de santos passam a ser estudadas e os dois enormes volumes in-folio são editados em 1643. Em 1659, mais um colaborador se junta, Daniel Paperbroch (+1715). Os *Acta Sanctorum*, com seus 67 volumes na edição original, são a grande coleção erudita hagiográfica cujo estabelecimento dos textos é baseado na comparação de mais de 50.000 exemplares de manuscritos existentes na Bélgica, Itália, norte da França e noroeste da Alemanha, e onde cada relato hagiográfico é acompanhado de textos introdutórios sobre a origem dos manuscritos, o santo, o culto, as relíquias, as datas festivas, as especialidades etc.<sup>43</sup>

Trata-se do mais completo trabalho hagiográfico desenvolvido pela Igreja Católica. Tarefa árdua, analisar esses tomos também não trouxe nenhuma resposta ao questionamento sobre a vida daqueles dois santos. Novamente, nos deparamos com a rainha Isabel da Boemia, todavia, como também já foi expresso neste texto, trata-se de uma referência que não indica que a mesma seja personagem venerável, mas apenas mais uma dentre tantas rainhas católicas na História da Igreja. A única referência a um Grei, é ao frade Richardum Grey<sup>44</sup>, porém, em nenhuma hipótese seu nome pode ser traduzido como Henrique.

A ausência desses santos nas *Actas* pode ser explicada: o compêndio hagiográfico surge para corrigir erros hagiográficos e contestar devoções de personagens que não existiram, nem foram canonizados. Nesse sentido, a omissão dessas personagens pode indicar que ambas nunca foram canonizadas, beatificadas ou veneradas, podendo, até mesmo, tratar-se de figuras sobre as quais os autores das *Actas* consideraram como lendárias.

É possível que Frei José de Jesus Maria tenha consultado outras fontes que não se encontram referenciadas em seu capítulo sobre os santos terceiros carmelitas. Teria o autor inventado esses santos ou se equivocado quanto ao nome dos mesmos? É uma possibilidade. Lógico que lapsos desse tipo, caso descobertos, poderiam fazer o frade

---

43 PEREIRA, Ana Paula Lopes. 2007. O relato hagiográfico como fonte histórica. *Revista do Mestrado de História*, v. 9, n. 10: 164-165. Captado em: <[http://www.uss.br/arquivos/posgraduacao/strictosensu/historiasocial/producaoDocente/revista\\_mestrado\\_vol\\_9-10.pdf#page=81](http://www.uss.br/arquivos/posgraduacao/strictosensu/historiasocial/producaoDocente/revista_mestrado_vol_9-10.pdf#page=81)>. Acesso em: 21 jun. 2015, p. 164-165.

44 MARIA, Daniel da Virgem. *Vinea Carmeli seu historia eliani ordini fratrum B. V. Mariae de Monte Carmelo contracta in varris opusculis*. Antuérpia: Typis Iacobis Meursii, 1662, p. 404.

cair em desgraça junto a seus pares e criar problemas a si próprio e à Ordem. Logo, fica difícil imaginar que ele se colocaria deliberadamente nessa situação.

Todavia, o protesto feito pelo autor ao final do livro indica que sua obra não sofreu uma rigorosa revisão. Apesar de ter sido impresso na Oficina do Santo Ofício, o *Thesouro Carmelitano* não passou por nenhum tipo de análise que necessitasse de licença prévia como acontecia com os livros hagiográficos.

Porque a Santidade do papa Urbano VIII por decreto seu, expedido em 13 de março de 1625, e confirmado em 5 de julho de 1634 prohibio imprimirem-se livros, em que se escrevão vidas de Santos, virtudes, ou revelações, sem que tudo primeiro seja aprovado pelo ordinário, protesto que não he minha tenção escrever neste Livro huma só palavra, que *directe, vel indirecte* se oponha ao dito Decreto, antes tudo sujeito à correcção da Igreja, como filho dela obedientíssimo, declarando que não recebo, nem quero se recebão em outro sentido as cousas, que ponho neste Livro, de virtudes, revelações, e prodígios mais, que naquele, em que se funda a fé humana, e se não contradiz à verdade, e doutrina da Igreja.<sup>45</sup>

Teria o frade cometido equívocos? No caso de Santa Isabel, Rainha da Boêmia, teria sido um equívoco bastante vitorioso pois, como já foi exposto, a santa está representada no estatuário da Igreja de Nossa Senhora do Carmo na cidade de Évora. Ademais, no século XIX, uma poetisa inglesa chamada Dinha Maria Mulock Craik (1826-1887) escreveu um poema ao qual intitulou “Saint Elizabeth of Bohemia”, em bom português, Santa Isabel da Boêmia.<sup>46</sup> A existência dessa poesia é um bom indício de que essa personagem deve ter sido venerada como santa em algum momento.<sup>47</sup>

De grande popularidade, a existência de Santa Isabel, Rainha da Hungria (1207-1231) apenas vem emaranhar ainda mais a identificação iconográfica. Uma hipótese pode ser levantada: se as imagens de Évora e Recife foram inspiradas no *Thesouro Carmelitano*, Frei José de Jesus Maria não teria considerado que Boêmia e Hungria fossem o mesmo reino, já que se tratam de regiões que em vários momentos da História se mesclaram e estiveram sob o governo da mesma dinastia?

45 MARIA, José de Jesus. Op. cit., p. 253-254.

46 “Saint Elizabeth of Bohemia,

I. I never lay me down to sleep at night/ But in my heart I sing that little song:/ The angels hear it as, a pitying throng,/ They touch my burning lids with fingers bright/ As moonbeams, pale, impalpable, and light;/ And when my daily pious tasks are done,/ And all my patient prayers said one by one,/ God hears it. Seems it sinful in His sight/ That round my slow burnt-offering of quenched will/ One quivering human sigh creeps wind-like still?/ That when my orisons celestial fail/ Rises one note of natural human wail?/ Dear lord, spouse, hero, martyr, saint! erelong,/ I trust, God will forgive my singing that poor song.

II. A year ago I bade my little son/ Bear upon pilgrimage a heavy load/ Of alms; he cried, half-fainting on the road,/ 'Mother, O mother, would the day were done!'/ Him I reproved with tears, and said, 'Go on!/ Nor pause nor murmur till thy task be o'er.'—/ Would not God say to me the same, and more?/ I will not sing that song. Thou, dearest one,/ Husband--no, brother!--stretch thy steadfast hand/ And let mine grasp it. Now, I also stand,/ My woman weakness nerved to strength like thine;/ We'll quaff life's aloe-cup as if 't were wine/ Each to the other; journeying on apart,/ Till at heaven's golden doors we two leap heart to heart.” Captado em: <<http://www.poemhunter.com/poem/saint-elizabeth-of-bohemia/>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

47 Na chamada Era Vitoriana, era comum que escritores ingleses resgatassem personagens desconhecidos, ditos obscuros, utilizando-os em poesias e prosas.

Apesar de tratar-se de apenas uma hipótese, é possível conjecturar nas possíveis razões para a confusão em sua nomeação. Santa Isabel, Rainha da Hungria, possuía durante a Idade Medieval e Moderna uma forte devoção. Trazê-la para dentro do elenco de santos carmelitas poderia ser uma grande aquisição para os terceiros. Como a santa vestiu o hábito terceiro franciscano, uma forma de considerá-la como parte do Carmelo, distanciando-a dos franciscanos, seria mudar sua alcunha de rainha da Hungria para Boêmia, levando em conta que no século XVIII, data em que o *Thesouro* foi escrito, ambas as regiões se encontravam sob domínio da Casa de Habsburgo, não mais se diferenciando como reino.

Há outra hipótese: a personagem na verdade trata-se da Beata Isabel de Töss (1290-1338), sobrinha-neta de Santa Isabel, Rainha da Hungria, que foi prometida ao príncipe herdeiro da Boemia, Wescelau. Há certa confusão entre essas duas personagens, já que o escrito “The revelations of Saint Elizabeth”, peça-chave fundamental na canonização de Santa Isabel da Hungria hoje é atribuído à Beata Isabel de Töss.<sup>48</sup>

The visions were in fact probably those of the uncanonised Dominican Elizabeth of Töss (c.1294-1326) but a very early stage they became associated with her great-aunt, who had become famous for a life of personal austerity and benevolence to the poor.<sup>49</sup>

A favor da identificação da personagem como Beata Isabel de Töss está o fato dela ter sido noiva do herdeiro do trono da Boêmia. Contribuindo com os argumentos desfavoráveis a essa hipótese há o fato de que se tratava de uma freira da Ordem Dominicana que faleceu no convento de Töss.<sup>50</sup> Entre essas duas hipóteses, creio que a identificação com Santa Isabel da Hungria é a mais provável, pois era possível que a mesma pessoa pertencesse a mais de uma ordem terceira ou ser benfeitora do clero regular como um todo atraindo a veneração de diferentes congregações.

No caso de São Henrique de Grey, além do painel de Manoel de Cláudio Francisco da Encarnação há uma segunda representação em um busto esculpido no teto da capela-mor da Igreja da Ordem Terceira Carmelita de João Pessoa, Paraíba, identificado também por meio de uma legenda sem portar nenhuma espécie de atributo.

Nesse sentido, a figura que mais se aproxima é o leigo Henrique, duque de Lancaster (1310-1361), o qual de acordo com sua biografia.

---

48 Para a versão em inglês do texto ver: < [http://www.saintsbooks.net/books/St.%20Elizabeth%20of%20Toss%20-%20The%20Revelations%20of%20St.%20Elizabeth%20\(of%20Toss\).pdf](http://www.saintsbooks.net/books/St.%20Elizabeth%20of%20Toss%20-%20The%20Revelations%20of%20St.%20Elizabeth%20(of%20Toss).pdf) >. Sobre a atribuição de autoria desse texto e suas duas traduções do latim (o original se perdeu) ver: MACNAMER, S. The two middle english translations of The Revelations of St Elizabeth of Hungary. Heidelberg: U. Winter, 1996.

49 JONES, Edward Alexander. The Medieval Mystic Tradition: Exeter Symposium VII. 101. Cambridge: Boydell and Brewer, 2004, p. 101.

50 Por falta de argumentos mais concretos que venham conectar a santa à personagem ora analisada, creio ser possível descartar Santa Inês de Praga (ou Boêmia - 1205-1283), filha de Presmilau I, rei da Boêmia, pertencente à ordem segunda franciscana, princesa que foi contemporânea de Santa Clara de Assis e abadessa do convento das Clarissas de São Salvador de Praga.

On account of this great privilege many distinguished Englishmen, such as King Edward II, Henry, Duke of Lancaster, and many others of the nobility secretly wore (*clam portaverunt*) the Carmelite scapular under their clothing and died with it on.<sup>51</sup>

Como não existia oficialmente a Ordem Terceira Carmelita<sup>52</sup>, os escapulários foram entregues *clam portaverunt*, ou seja, em segredo. Após a sua oficialização em 1452 os homens e mulheres que possuíram o privilégio de usarem o escapulário foram identificados como terceiros, como foi o caso do Duque de Lancaster. Contra essa identificação pesa o fato da personagem nunca ter sido canonizada ou beatificada, assim como não há nenhuma referência a qualquer sobrenome ou título com a palavra Grei ou Grey.<sup>53</sup>

A despeito de estar citado em dois manuais terceiros, a hagiografia de São Henrique de Grei permanece sendo um mistério não solucionado. Sempre que aparece nesses livros, a indicação da fonte onde estaria sua hagiografia está equivocada. Importante ressaltar que um trabalho dessa natureza seria impensável para os pesquisadores alguns anos atrás sem que houvesse um grande processo de financiamento que permitisse o deslocamento por arquivos brasileiros e estrangeiros. Cada vez mais difundida, a política de digitalização dos acervos de museus, bibliotecas e antigos conventos não apenas democratiza o acesso ao conhecimento, como ocasiona um fluxo contínuo de novos dados que reorientam constantemente as pesquisas. Nesse sentido, acredito que a hagiografia do nosso Santo Henrique de Grey pode se revelar em algum momento.

Ao longo do século XIX, os irmãos terceiros transformaram o teto do coro alto, da sacristia e corredores de acesso do seu templo em uma pinacoteca que expõe retratos de personagens veneráveis do clero regular, reafirmando o papel crucial da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo na ascese católica. Como foi exposto, as referidas pinturas dos quatro santos não se enquadram dentro de uma perspectiva interpretativa de persuasão barroca. Todavia, as personagens representadas permanecem simbolizando

---

51 HILGERS, Joseph. St. Simon Stock. New York: Robert Appleton Company, 1912, s.p. Captado em: <<http://www.newadvent.org/cathen/13800a.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

52 A primeira ordem terceira surgiu pelas mãos de uma das mais importantes personagens do cristianismo, São Francisco de Assis. No intuito de agregar à ordem franciscana aqueles homens e mulheres, principalmente os casados, que não queriam/podiam viver uma vida conventual, em 1221 o frade criou um conjunto de regras que deveria ser seguido pelos irmãos e irmãs da penitência, primitivo nome da congregação que ficaria conhecida no final do século XIII como Ordem Terceira de São Francisco. Oficialmente, a Ordem Terceira Carmelita surgiu em 1476 por meio da Bula Papal Dum Attenta. Durante certo tempo, a historiografia relutou em atribuir uma data a sua fundação em função da Bula Cum Nulla de 1452, que “conferiu apenas a licença de unir à Ordem mulheres que vivessem em castidade. Não se tratava, pois, de uma permissão de fundar Ordens Terceiras em geral, que incluíssem homens e mulheres casadas. Esta faculdade só veio na Bula <<Dum Attenta>> (1476), quando a licença de agregação foi estendida a quaisquer grupos de pessoas, casadas ou não, homens e mulheres. (...) Pois, há em tudo isto a considerar uma circunstância particular: as outras Ordens Terceiras foram confirmadas depois de existirem já; a Ordem Terceira do Carmo, porém, teve a sua licença jurídica antes de ser organizada. Na prática, ela continuou durante mais de 100 anos restricta a mulheres com o voto expresso de castidade perfeita”. WERMERS, Manoel Maria. A Ordem carmelita e o Carmo em Portugal. Lisboa: União Gráfica; Casa Beato Nuno, 1963, p. 83.

53 Na cidade de Lancaster, Inglaterra, eram denominados de Greyfriars (1250-1538) os franciscanos que viviam na casa conventual daquela localidade, sem nenhuma relação com a Ordem de Nossa Senhora do Carmo.

modelos de comportamento, inclusive elencadas como santos no mais difundido manual de conduta dos terceiros carmelitas no mundo lusitano, o já citado *Thesouro Carmelitano* de Frei José de Jesus Maria. Assim, ao escolher representar essas personagens no teto do corredor da sacristia, os terceiros do Recife homenageavam e eternizavam, por meio da constituição de um acervo iconográfico, os modelos de conduta exemplar que deveriam ser seguidos pelos membros da Ordem Terceira Carmelita do Recife.

Artigo recebido em 14 de junho de 2016.

Aprovado em 22 de junho de 2017